

LYDIA DAVIS

# Tipos de perturbação

*Ficções*

*Tradução*

Branca Vianna



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2007 by Lydia Davis

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente por Farrar, Straus and Giroux. Nova York, 2007

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os trechos de Marcel Proust citados em “O passeio” foram extraídos das seguintes edições: *No caminho de Swann*, tradução de Mario Quintana (São Paulo: Globo, 2006, p. 72) e *No caminho de Swann*, tradução de Mario Sergio Conti (São Paulo: Companhia das Letras, no prelo). Os trechos de Samuel Beckett citados em “Rumo ao sul, lendo *Pioravante marche*” foram extraídos de *Últimos trabalhos de Samuel Beckett*, tradução de Miguel Esteves Cardoso (Lisboa: Assírio & Alvim, 1996).

*Título original*

Varieties of Disturbance: Stories

*Capa*

Elisa v. Randow

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Davis, Lydia

Tipos de perturbação : histórias / Lydia Davis ; tradução Branca Vianna. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Varieties of Disturbance: Stories

ISBN 978-85-359-2261-5

1. Contos norte-americanos 2. Crônicas norte-americanas I. Título.

13-02991

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura norte-americana 813
2. Crônicas: Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

- Um homem do passado dela, 11
- Eu e o cachorro, 12
- Esclarecida, 13
- O Concurso de Bom Gosto, 14
- Colaboração com a mosca, 16
- Kafka prepara o jantar, 17
- Tempestade tropical, 28
- Bons momentos, 29
- Ideia para um documentário de curta-metragem, 31
- Assuntos proibidos, 32
- Dois tipos, 34
- Os sentidos, 35
- Questões gramaticais, 36
- Mão, 39
- A lagarta, 40
- Cuidar de crianças, 42
- Saudades: um estudo de cartas escritas por alunos de uma classe do quarto ano primário desejando melhoras a um colega, 43

Gases, 71  
Televisão, 73  
Nala e a bengala, 78  
Conhecendo seu corpo, 79  
Distraída, 80  
Rumo ao sul, lendo *Pioravante marche*, 81  
O passeio, 86  
Tipos de perturbação, 98  
Solitária, 101

A sra. D. e suas empregadas, 102

Vinte esculturas em uma hora, 134  
Nietszche, 136  
Coisas que descobrimos a respeito do bebê, 137  
A mãe de sua mãe, 150  
Como funciona, 152  
Insônia, 153  
A queima de membros da família, 154  
O caminho da perfeição, 160  
A bolsa, 161

Helen e Vi: um estudo sobre saúde e vitalidade, 162

Reduzindo despesas, 208  
A reação de Mamãe ao meu programa de viagem, 211  
Com sessenta centavos, 212  
Como devo chorá-los?, 213  
Impulso estranho, 217  
Quando ela não consegue dirigir, 218  
Assustada de repente, 220  
Melhorando, 221

Cabeça, coração, 222  
Os desconhecidos, 223  
A rua movimentada, 225  
Ordem, 226  
A mosca, 227  
Viajando com Mamãe, 228  
Índice remissivo, 231  
Meu filho, 232  
Exemplo de gerúndio num quarto de hotel, 233

Diário de Cape Cod, 234

Quase acabando: como é mesmo a palavra?, 251  
Um homem diferente, 252

# Um homem do passado dela

Acho que Mamãe está de namoro com um homem do seu passado que não é o Papai. Fico pensando: Mamãe não devia ter relações indecorosas com esse tal de “Franz”! O “Franz” é europeu. Acho que ela não devia sair com esse homem quando Papai não está! Mas estou confundindo a realidade de antes com a de agora: Papai não vai voltar para casa. Vai ficar em Vernon Hall. Quanto a Mamãe, ela tem noventa e quatro anos de idade. Como é possível ter relações indecorosas com uma mulher de noventa e quatro anos? Mas minha confusão deve ser a seguinte: embora o seu corpo seja velho, sua capacidade de trair ainda é jovem e viçosa.

# Eu e o cachorro

As formigas também nos olham de baixo, e conseguem até fazer ameaças com os braços. Meu cachorro, é claro, não sabe que eu sou gente, ele acha que eu sou cachorro, apesar de eu nunca tentar saltar o portão. Eu sou um cachorro forte. Mas não ando por aí de boca aberta. Nem quando está calor, eu ando com a língua pendurada para fora. Mas eu lato para ele: “Não! Não!”.

# Esclarecida

Não sei se dá para continuarmos amigas. Pensei muito sobre isso — ela nunca saberá quanto. Tentei uma última vez. Liguei para ela, um ano depois. Mas não gostei de como a conversa andou. O problema é que ela não é muito esclarecida. Ou melhor, ela não é esclarecida o bastante para mim. Ela tem quase cinquenta anos e não é mais esclarecida hoje, a meu ver, do que há vinte anos, quando nosso assunto principal eram os homens. Na época, não me incomodava que ela não fosse esclarecida, talvez porque eu mesma não fosse muito esclarecida. Acho que hoje sou mais esclarecida, e certamente mais do que ela, apesar de não ser muito esclarecido da minha parte dizer isso. Mas vou dizer assim mesmo. Estou disposta a adiar minha entrada no esclarecimento para poder dizer uma coisa dessas de uma amiga.



# O Concurso de Bom Gosto

Marido e mulher estavam disputando um Concurso de Bom Gosto com um júri formado por seus pares, homens e mulheres de bom gosto, incluindo um designer de estampas, uma especialista em livros raros, um chef confeitoiro e uma bibliotecária. À mulher atribuiu-se melhor gosto para móveis, especialmente móveis antigos. Ao marido atribuiu-se, de um modo geral, mau gosto para luminárias, louças e cristais. À mulher atribuiu-se gosto sofrível para cortinas, mas atribuiu-se ao marido e à mulher bom gosto para pisos, roupas de cama, roupas de banho, eletrodomésticos grandes e pequenos. O gosto do marido foi considerado bom para tapetes, mas apenas mediano para estofados. Decidiu-se que o gosto do marido era excelente tanto para comida quanto para bebidas alcoólicas, enquanto o gosto da mulher para comida ia de bom, mas inconsistente, a mau. O marido demonstrou melhor gosto para roupas do que a mulher, porém gosto inconsistente para perfumes e águas-de-colônia. Enquanto tanto ao marido quanto à mulher se atribuiu gosto mediano para paisagismo, a ambos se atribuiu bom gosto com relação a várias espécies de

sempre-vivas. Decidiu-se que o gosto do marido era excelente para rosas, mas que ele tinha mau gosto quando se tratava de bulbos. Atribuiu-se à mulher melhor gosto para bulbos e, de um modo geral, bom gosto para todos os tipos de planta de sombra, com exceção das hostas. O gosto do marido foi considerado bom para móveis de jardim mas apenas mediano para vasos ornamentais. O gosto da mulher foi considerado decididamente ruim para estatuária de jardim. Depois de um breve debate, os juízes deram vitória ao marido, por pontos.

# Colaboração com a mosca

Eu pus a palavra na página,  
mas ela acrescentou o acento.

# Kafka prepara o jantar

Encho-me de angústia à medida que se aproxima o dia em que minha querida Milena virá jantar. Não consigo sequer escolher o que lhe servir. Não fui ainda capaz de enfrentar a ideia, só consegui revoar em torno dela, como uma mosca em torno da luz, queimando a cabeça.

Tenho medo de ficar só com salada de batata, o que para ela já não é surpresa. Não posso deixar que isso aconteça.

A ideia desse jantar me acompanhou a semana toda, pensando sobre mim como no fundo do mar, onde a pressão é sempre intolerável. Há momentos em que consigo reunir toda a minha energia e trabalhar no cardápio como se me estivessem forçando a martelar um prego numa pedra, como se eu fosse ao mesmo tempo o que martela e o próprio prego. Mas outras vezes fico lendo, aqui, à tarde, um ramo de murta na lapela, e algumas passagens do livro são tão belas que me convenço de que me tornei belo também.

Daria no mesmo estar sentado no jardim de um hospício olhando para o vazio feito um idiota. E no entanto sei que vou

acabar escolhendo um cardápio, comprando os ingredientes e fazendo o jantar. Nisso, acho que sou como uma borboleta: seu voo em zigue-zague é tão irregular, ela se agita tanto, que dá dó. Voa no que seria o contrário de uma linha reta e no entanto atravessa quilômetros e quilômetros até chegar a seu destino final, de modo que deve ser mais eficiente, ou ao menos mais determinada, do que parece.

Ficar torturando-me assim é igualmente patético, claro. Afinal, Alexandre não torturou o nó górdio antes de cortá-lo. Sinto-me como se estivesse sendo enterrado vivo debaixo dessas reflexões, embora me sinta também compelido a ficar imóvel, já que talvez esteja mesmo morto, afinal.

Hoje de manhã, por exemplo, logo antes de acordar, o que foi também logo depois de adormecer, tive um sonho que me ficou na cabeça até agora: tinha apanhado uma toupeira, que levei a uma plantação de lúpulo, onde ela mergulhou na terra como se esta fosse água e sumiu. Quando penso nesse jantar, tenho vontade de sumir na terra como a toupeira. Gostaria de me enfiar na gaveta da cômoda da lavanderia e abrir a gaveta de vez em quando para ver se já sufoquei. Mais surpreendente ainda é que se consiga levantar da cama todos os dias.

Sei que salada de beterraba seria melhor. Poderia servir beterraba e batata, as duas, e uma fatia de carne, se for servir carne. Mas na verdade uma boa carne não requer acompanhamentos, fica melhor servida sozinha, de modo que o acompanhamento viria antes, e nesse caso não seria um acompanhamento mas uma entrada. Seja como for, ela talvez não aprecie meus esforços, ou talvez esteja sentindo-se mal demais para comer e a visão das beterrabas não estimule seu apetite. No primeiro caso eu ficaria extremamente constrangido, e no segundo não teria nada a di-

zer — dizer o quê? —, teria apenas uma pergunta simples: se ela prefere que eu tire toda a comida da mesa.

Não que esse jantar seja exatamente alarmante. Tenho, afinal, alguma imaginação e energia, de maneira que talvez seja mesmo capaz de fazer um jantar que ela aprecie. Houve outros jantares, razoáveis, desde aquele lamentável que fiz para Felice — se bem que aquele, afinal, resultou mais positivo do que negativo.

Foi na semana passada que convidei Milena. Ela estava com um amigo. Nós nos encontramos por acaso na rua e eu fiz o convite impulsivamente. O homem que a acompanhava tinha um aspecto gentil, um rosto gordo, simpático — um rosto muito correto, como só têm os alemães. Depois de convidá-la, andei por muito tempo pela cidade como se esta fosse um cemitério, pois estava em paz.

Depois comecei a me atormentar, como uma flor na janela, fustigada pelo vento mas sem perder uma pétala sequer.

Assim como uma carta toda corrigida a lápis, também tenho meus defeitos. Para começar, não sou forte, afinal, e acho que até Hércules desmaiou uma vez. Tentei o dia inteiro não pensar no que está por vir, mas me custa tanto esforço que nada sobra para o trabalho. Atendo às chamadas telefônicas tão mal que depois de um tempo a telefonista se recusa a completar minhas ligações. Já que é assim, o melhor é me convencer, Comece logo a limpar a prata até brilhar, e ponha tudo no aparador, e pronto. Porque na minha cabeça eu limpo a prata o dia inteiro — é isso que me atormenta (e também não ajuda a limpar a prata).

Adoro salada de batata alemã feita com batatas boas, antigas, e vinagre; apesar de ser pesado, coercivo, quase, a ponto de eu ficar meio enjoado antes mesmo de provar — será que estou adotando uma cultura opressiva e estranha? Se oferecer isso a Milena talvez exponha um lado grosseiro da minha personalidade,

do qual gostaria de poupá-la acima de tudo, uma parte de mim que ela ainda não viu. Um prato francês, por outro lado, pode ser mais agradável, mas seria menos verdadeiro, e como tal uma traição imperdoável.

Estou cheio de boas intenções e mesmo assim fico inativo, exatamente como no dia, no verão passado, em que sentei na varanda olhando um besouro de costas que abanava as pernas no ar, sem conseguir se virar. Fiquei com pena dele, mas não me levantei da cadeira para ajudá-lo. Ele ficou parado por tanto tempo que achei que tivesse morrido. Aí veio um lagarto e passou por cima dele, deslizando e virando-o de cabeça para cima, e ele subiu a parede como se nada tivesse acontecido.

Comprei uma toalha de mesa na rua ontem, de um homem com um carrinho. Ele era pequeno, minúsculo até, fraco, de barba, com um olho só. Consegui candelabros emprestados com a vizinha, ou melhor, ela me ofereceu os candelabros.

Vou servir um espresso depois do jantar. À medida que planejo esse jantar começo a me sentir como Napoleão teria se sentido ao planejar a Campanha da Rússia, se soubesse o resultado de antemão.

Quero muito estar com Milena, não apenas agora mas sempre. Por que sou um ser humano?, me pergunto — que condição vaga, esta! Por que não posso ser o armário feliz do quarto onde ela dorme?

Antes de conhecer minha querida Milena, achava a vida insuportável. Então ela apareceu e me mostrou que não era assim. É verdade que nosso primeiro encontro não foi alvissareiro, pois sua mãe me abriu a porta, e que testa poderosa tem aquela mulher, com uma inscrição que diz: “Eu morri, e desprezo todos que não morreram”. Milena pareceu gostar da minha visita, mas

gostou ainda mais quando parti. Naquele dia, por acaso vi um mapa da cidade. Por um momento pareceu-me incompreensível que tivessem construído uma cidade inteira quando a única coisa necessária seria um quarto para ela.

Quem sabe, no fim das contas, o melhor seja fazer para ela exatamente o que fiz para Felice, porém com mais cuidado, para que nada saia errado, e sem caramujos ou cogumelos. Poderia até incluir *Sauerbraten*, apesar de que quando cozinhei para Felice, eu ainda comia carne. Naquela época, não me incomodava a ideia de que os animais também têm direito a uma boa vida e, talvez ainda mais importante, a uma boa morte. Agora não consigo comer nem caramujos. O pai do meu pai era açougueiro e jurei que compensaria, na minha vida, todos os animais que ele matou. Há muito tempo nem provo carne, apesar de comer manteiga e tomar leite, mas por Milena eu faria *Sauerbraten* de novo.

Nunca tive muito apetite. Sou mais magro do que deveria ser, mas já sou magro há muito tempo. Alguns anos atrás, por exemplo, costumava remar no Moldau num barquinho. Remava rio acima, depois me deitava de costas e descia levado pela correnteza. Um amigo uma vez estava atravessando uma ponte e me viu flutuando lá embaixo. Disse que parecia ter chegado o dia do Juízo Final, e que eu estava no meu caixão aberto. Mas ele na época já estava gordo, maciço, e não sabia nada sobre os magros, com exceção do fato de que os magros são magros. Pelo menos este peso sobre meus pés é de fato meu.

Ela pode até não querer vir, não porque seja inconstante, mas porque está exausta, o que é compreensível. Se não vier seria



incorreto dizer que eu sentiria saudades, porque ela está sempre presente em minha imaginação. Mas ela estaria num endereço diferente e eu estaria sentado à mesa da cozinha com a cabeça entre as mãos.

Se ela vier, vou sorrir sem parar. Herdei isso de uma tia que sorria o tempo todo, porém, como eu, mais por constrangimento do que por bom humor ou compaixão. Não conseguirei dizer nada, nem me sentirei feliz, já que depois de preparar a comida não terei forças para isso. E se, carregando a travessa com meu triste prato, eu, por constrangimento, hesitar antes de entrar na sala de jantar, e se ela, na sala de estar, sentir meu embaraço e também hesitar, então a linda sala de jantar ficará vazia por um longo tempo.

Fazer o quê? — um luta em Maratona, outro na cozinha.

Ainda assim, escolhi já quase todo o cardápio e já comecei a preparação, imaginando nosso jantar, com todos os detalhes, do começo ao fim. Repito isto para mim mesmo o tempo todo: “Depois correremos floresta adentro”. Não faz sentido nenhum, porque aqui não há floresta, e não seria o caso de correr mesmo que houvesse.

Acredito que ela virá, mas junto com minha fé há um temor que sempre a acompanha, o temor que é inerente a toda fé, sempre, desde o início dos tempos.

Felice e eu não éramos noivos na época daquele lamentável jantar, mas fomos noivos três anos antes, e o seríamos de novo uma semana depois — certamente não devido ao jantar, a não ser que meus esforços inúteis para preparar um bom *kasha varnishkes*, panquecas de batata e *Sauerbraten* tenham exacerbado a compaixão que Felice já sentia por mim. Nosso rompimento, por outro lado, tem mais explicações do que seria necessário —

e é ridículo, mas há quem diga que mesmo o ar desta cidade provoca inconstância.

Estava empolgado, como às vezes nos empolgamos com uma novidade. Também estava com medo, naturalmente. Achei que um jantar tradicional alemão ou tcheco seria o ideal, embora estivesse calor para julho. Fiquei indeciso muito tempo, até em sonhos. Chegou um ponto em que desisti e pensei em deixar a cidade. Depois resolvi ficar, ainda que continuar largado na varanda não seja exatamente uma decisão. Nessas horas pareço paralisado pela indecisão, enquanto meus pensamentos se debatem furiosamente na cabeça, exatamente como uma libélula parece parar no ar enquanto bate loucamente as asas contra a brisa constante. Por fim dei um salto, como um desconhecido arrancando outro desconhecido da cama.

Na verdade é insignificante o fato de que planejava o jantar cuidadosamente. Queria preparar algo saudável, já que ela precisava de forças. Lembro-me de colher os cogumelos de manhã, esgueirando-me entre as árvores bem à vista de duas velhas, irmãs, que pareciam desconfiar do meu comportamento, ou talvez da minha cesta. Ou do fato de que eu estava de terno na floresta. Mas a aprovação delas também não teria nenhuma importância.

À medida que chegava a hora, temi, por um momento, que ela não viesse, em vez de temer, como deveria ter sido o caso, que ela de fato viesse. De início ela dissera que talvez não viesse. Era estranho ela fazer isso. Eu estava como um office boy que não quer mais ir ao banco mas ainda assim espera que lhe deem emprego.

Assim como um bichinho na floresta faz um barulho desproporcional e agita folhas e galhos no chão quando se assusta e corre para a toca, ou mesmo quando não se assusta e está só procurando nozes, e ninguém acha que vai de repente sair um urso

dos arbustos, quando é só um ratinho — era assim que eu me sentia, tão pequeno mas tão barulhento. Pedi que ela por favor não viesse, mas depois pedi que por favor não me escutasse e viesse assim mesmo. Nossas palavras frequentemente saem de um ser estranho, desconhecido. Não acredito mais em discursos. Mesmo o discurso mais lindo contém vermes.

Uma vez, quando estávamos num restaurante, fiquei com vergonha do jantar como se eu o tivesse preparado. A primeira coisa que nos trouxeram estragou nosso apetite para todo o resto, mesmo que o resto fosse bom: *Leberknödeln*, brancas, gordurosas, boiando num caldo ralo cuja superfície era óleo puro. O prato era claramente alemão, e não tcheco. Mas por que as coisas seriam mais complicadas entre nós no restaurante do que se estivéssemos tranquilos, no parque, vendo um beija-flor deixar as petúlias para descansar no alto do vidoeiro?

Na noite do jantar, pensei que, caso ela não viesse, eu poderia aproveitar o apartamento vazio, pois se ficar sozinho num quarto é uma condição necessária para a vida, ficar sozinho num apartamento é necessário para ser feliz. Eu tinha pedido o apartamento emprestado para a ocasião, mas não conseguira ainda aproveitar a felicidade do apartamento vazio. Ou talvez não fosse o apartamento vazio que me faria feliz, mas o fato de ter dois apartamentos. Isso se ela viesse, mas ela estava atrasada. Contou que se atrasou porque teve que conversar com um homem que também estava esperando, impacientemente, pela resposta sobre a abertura de um cabaré novo. Eu não acreditei nessa história.

Quando ela entrou fiquei quase decepcionado. Ela estaria tão mais feliz jantando com outro homem. Ela ia me trazer uma

flor, mas chegou sem flor. Mesmo assim eu estava em êxtase só de estar com ela, por causa de seu amor, de sua bondade, luminosa como o zumbido de uma mosca num galho de limoeiro.

A despeito de nosso embaraço, jantamos. Ao mirar o prato terminado, lamentei minhas forças débeis, meu nascimento, a luz do sol. Comemos algo que infelizmente só sumiria de nossos pratos se o engolíssemos. Fiquei comovido e constrangido, feliz e triste, de vê-la comer com o que parecia ser gosto — constrangido e triste de não ter nada melhor para lhe oferecer, comovido e feliz porque o que eu tinha parecia bastar, ao menos naquela ocasião. Foram apenas a elegância com que ela comeu cada prato e a delicadeza de seus elogios que deram algum valor à refeição — estava tudo horrível. E ela merecia, em lugar daquilo, uma truta assada ou um peito de faisão, com água gelada e frutas da Espanha. Por que não encontrei uma maneira de preparar um jantar assim?

E quando seus elogios falharam, a própria linguagem se tornou maleável só para ela, e mais linda do que se poderia esperar. Se um desavisado ouvisse o que dizia Felice certamente pensaria, Que homem! Deve ter movido montanhas! — mas só o que fiz foi misturar o *kasha* como Ottla me explicara. Minha esperança era a de que quando ela fosse embora, encontrasse um lugar fresco, como um jardim, e uma espreguiçadeira para deitar-se e descansar. Quanto a mim, Inês já era morta havia muito tempo.

Teve também o acidente. Só me dei conta de que estava de joelhos quando vi seus pés, caramujos por todos os lados no tapete e o cheiro de alho.

Ainda assim, passada a refeição, fizemos truques de aritmética na mesa da sala, não me lembro direito, somas curtas, depois longas, e eu olhando pela janela para o edifício do outro lado da

rua. Poderíamos ter tocado juntos em vez disso, mas não tenho dom para música.

A conversa foi hesitante, difícil. Eu mudava de assunto toda hora, por nervosismo. Finalmente lhe disse que estava perdido. Porém, se ela me acompanhara até ali era porque estávamos os dois perdidos. Foram tantos mal-entendidos, mesmo quando eu não mudava de assunto. E no entanto ela não deveria ter ficado com medo de que eu me irritasse, mas sim do contrário: que eu não me irritasse.

Ela achava que eu tinha uma tia Klara. É verdade que tenho uma tia Klara. Todo judeu tem uma tia Klara. Mas a minha morreu há anos. Ela contou que a dela era muito peculiar e costumava fazer pronunciamentos, como, por exemplo, dizer que as pessoas devem sempre colocar os selos corretamente nas cartas e não jogar nada pela janela. Ambos pronunciamentos verdadeiros, aliás, mas nada fáceis de implementar. Falamos sobre os alemães. Ela os odeia tanto, mas eu lhe disse que estava enganada, porque eles são pessoas maravilhosas. Talvez meu erro tenha sido gabar-me de ter cortado lenha por uma hora seguida. Achei que ela deveria me agradecer — afinal, eu estava controlando o impulso de dizer algo cruel.

Mais um mal-entendido e ela iria embora. Tentamos várias maneiras de expressar o que queríamos dizer, mas àquela altura não éramos mais amantes, apenas gramáticos. Mesmo os animais, quando brigam, perdem toda a cautela: os esquilos correm de um lado para outro na grama e esquecem que pode haver predadores espiando. Eu lhe disse que se ela fosse embora, isso só me agradaria por causa do beijo na hora da despedida. Ela me garantiu que, apesar de estarmos com raiva um do outro, logo nos veríamos novamente, mas para mim “logo”, no lugar de “nunca”, ainda assim era “nunca”. E então ela se foi.

Com essa perda eu era mais Robinson Crusoe do que o

próprio Robinson Crusóe — ele ao menos tinha a ilha, o Sexta-Feira, seus suprimentos, seus bodes, o navio que o levou, seu nome. Quanto a mim, imaginei um médico com dedos carbólicos prendendo minha cabeça entre os joelhos e atochando carne pela minha garganta até eu engasgar.

A noite acabara. Uma deusa saíra do cinema e um carregador baixinho ficou sozinho ao lado dos trilhos — e fora isso o nosso jantar? Sou imundo — por isso estou sempre vociferando sobre pureza. Ninguém canta tão puro quanto os que vivem nas profundezas do inferno — pensamos ouvir a voz dos anjos mas é a outra voz. Mesmo assim decidi continuar a viver por mais um tempo, ao menos até a manhã seguinte.

Não sou elegante, afinal. Alguém disse uma vez que nado como um cisne, mas não era um elogio.